

# KUNSTHALLE LISABON

words don't come easy

## Joana Bastos

*Conversa entre Joana Bastos, João Mourão e Luís Silva, a propósito da exposição Ask me, realizada na Kunsthalle Lissabon, em Novembro de 2009.*

### **Começando pelo início, pelo título do teu projecto, o que queres que te perguntemos?**

Uma coisa é a inevitabilidade dessa questão surgir no espaço expositivo; aqui parece-me adequado responder a uma pergunta que vocês, conhecedores e curadores do projecto, achem pertinente fazer. Se insistirem, respondo: o que vos apetecer.

**Não insistimos. A pergunta anterior pretendia sobretudo sinalizar a existência, na tua escolha do título (que de alguma forma sintetiza o projecto que vais desenvolver no contexto de uma exposição individual), de uma certa expectativa, ou uma intenção, de te colocares numa posição em que terás que responder e expor aos visitantes da Kunsthalle Lissabon. Nesse sentido, a questão anterior pretendia ser, sobretudo, uma provocação: o que esperas que os visitantes te perguntem, e de que maneira é que o estabelecimento de um tal diálogo se pode constituir como uma prática artística e, mais especificamente, como a tua prática artística?**

Ao espectador é sugerida uma participação activada pelo título. Na aproximação, e partindo do pressuposto de que as perguntas são adequadas à inquietação do que se percebe, não existem perguntas certas ou erradas e a conversa será conduzida em direcção a um entendimento conceptual e formal da peça. Esse discurso é simultaneamente informativo (eu enquanto assistente de exposição, também conhecido como um "ask me") e performativo (eu enquanto performer – performer que se incorpora num assistente de exposição), e accionado pela participação do espectador. Comunicação verbal como prática artística tens, por exemplo, o trabalho que Ian Wilson desenvolveu depois de 1968; em *Ask me*, o discurso é forma, bem como é forma a apropriação dos elementos físicos inerentes ao espaço da Kunsthalle Lissabon: uma cadeira, uma mesa, um computador, um assistente de exposição.

**Mas não é uma contradição constituíres-te como assistente de exposição quando não existe exposição para assistires? O contexto que justifica a**

**necessidade de um “ask me” é esse mesmo, o da sua existência como descodificador (ou mediador, se preferires) de um discurso artístico e/ou curatorial pré-existente. Neste caso concreto, e ainda que entendamos o teu argumento do discurso como forma, qual é a justificação para a existência de tal função na Kunsthalle Lissabon?**

A figura “assistente de exposição” é uma necessidade logística da Kunsthalle Lissabon. Eu antecipei-me a essa necessidade (inversão cronológica), e assumi esses elementos como objecto de exposição que ocupam o espaço.

Apresentando o trabalho de um assistente de exposição como performance, represento indivíduos (tantas vezes artistas) que sobrevivem na sociedade do *spectacle* (tantas vezes espectáculo da arte). Perante o público, age, veste-se, comunica, da forma mais real possível: a personificação de um *ready-made*, se quiserem. A única coisa que o difere de um trabalhador é a sua consciência e objectivo como performer, o modo como é contextualizado e dado a ver. Este trabalhador/artista desempenhou, por exemplo, no caso da Frieze Art Fair 2009, em *Hostess*, um papel participativo de um sistema (enquanto assistente do projecto de outros artistas). Aqui, em *Ask me*, apresenta uma participação intrínseca: assiste-se a si próprio. O seu *modus operandi* é ambíguo, e é aí que reside o interesse desta apresentação.

**Mas não te parece que esbarras num problema quase de ordem ontológica? Se és uma *Ask me*, uma assistente de exposição, assistes a essa exposição, e não a ti própria. Não é possível ser-se sujeito e objecto ao mesmo tempo; existe quase uma espécie de impossibilidade ontológica que impede que te constituas simultaneamente como a obra exposta e a pessoa que zela por essa obra. Ainda que te defines como assistente de exposições, invariavelmente irás tornar-te a exposição ela própria (tu como performer). Não havendo mais nada na Kunsthalle Lissabon que não tu, a tua intenção é automaticamente reificada e passas de performer que curto-circuita uma serie de noções, convenções e ideologias sobre arte, trabalho e capital a objecto exposto, como numa espécie de galeria de curiosidades ou jardim zoológico. Não te parece que a depuração extrema que pretendes, inviabiliza ou mina, de alguma forma, o potencial do discurso que queres articular?**

Reificada está, desde há muito tempo, a condição humana. E com ela, um assistente de exposição. Dá-se a ver como performance porque exactamente o sujeito é objecto. Mecânico, objectivo e quantitativo, co-habita num jardim zoológico artístico, e até instituído.

Com a depuração, em *Ask me*, a palhaçada é talvez menor: põe-se a cru a “coisificação”, o seu cargo e funcionalidades, despido de artifícios ou anestesiadas consciências. O quase *nonsense* (reciprocidade de se auto-assistir) aguça a consciência, e este é o objectivo da peça. Pegando no que disseram quanto à possibilidade de cair formalmente num “espectáculo” de abrir e fechar a porta, espectacular é, aí sim, cobrir ou não mostrar essa realidade.

**Esse acto de por a cru, ou expor algo que insiste em manter-se invisível, parece ser algo central na tua prática. A tua participação em projectos como *Job Interviews* (2009) e *Employability* (2008), assim como as tuas peças *survive to perform to survive to perform to survive and so on* (2008), *had to go to work* (2008), *slippery floor (when wet)* (2008), *non-commercial artist* (2008), entre outras, parecem apontar para um posicionamento crítico relativamente às relações existentes entre prática artística, trabalho e capital. O que é que te interessa nesta trilogia arte**

## **trabalho e capital, se a pudermos conceptualizar como tal?**

Acima de tudo interessa-me trabalhar com a realidade (embora questionando se consegue, um artista, tal proeza). Ao agir na fronteira entre arte e realidade, procuro uma representação o menos teatral possível, daí a imperceptibilidade ou *secura visual*. Trabalhar para pagar estudos e produções líricas (da arte pela arte e suas ideologias) fez-me reposicionar e achar ainda e tão pertinentes peças como *Do you Eat? Where does the money come from? (...)* (1970), um flyer de Gustav Metzger. Os meus trabalhos andam à volta dessa consciência/responsabilidade. Tudo com uma boa dose de ironia ou divertimento, não vá a arte não servir para nada.

**Mas que realidade? A do teu dia-a-dia quotidiano, pessoal, ou do sistema profissional onde te inseres? A realidade é permissiva, diferenciada, se quisermos... em certa instância, pessoal; ao agires na fronteira que defines anteriormente (arte e realidade), e ao assumires uma posição consciente e ética, estás a considerar-te uma artista política? Qual a mensagem, inerente a essas acções, que pretendes transmitir?**

Umhas vezes mais explícitas que outras, a obra de arte é autobiográfica. Trata de realidades pessoais que são, sempre por vontade (daí a noção de responsabilidade), expostas publicamente. Se, em termos sociológicos, *personal is political*, a arte tem, *a posteriori* (porque no campo das possibilidades e não das necessidades), premissas políticas: mostra-se e comunica opiniões.

Tento – sem grandes dramatismos ou slogans publicitários (disso precisam os políticos), com verdades subjectivas, e em tom de manifesto poético - despir máscaras e preconceitos, da vida e da arte. Pôr a nu para melhor contemplar.

**É interessante que utilizes o despir como metáfora... Na Kunsthalle Lissabon estamos perante uma ficção que vestes e utilizas para comunicar com o público, ou é a Joana Bastos real que está a trabalhar/agir naquele espaço? Voltando ao acto de vestir/despir, o que é que te interessa pôr a nu? Ou mais concretamente, que máscaras e preconceitos da vida e da arte, como referiste anteriormente, pretendes despir em *Ask me*?**

A condição é a que referi acima: consegue um artista trabalhar com a realidade? Parece-me que apenas perto dela, porque uma produção artística, umas vezes mais directa, outras vezes menos, é ficção.

É híbrido o meu lugar de *Ask me*, e é com isso que o visitante se depara na Kunsthalle Lissabon. "A incerteza é", segundo Baudrillard, "o princípio orientador do *objecto do pensamento*". "O *objecto de pensamento* é a noção de que o sujeito e o mundo existem numa relação recíproca. O jogo de reciprocidade entre sujeito e *objecto* significa que não podemos dizer *quem pensa quem*", bem como em *Ask me* não é decodificado, nem para mim, nem para o espectador, quando é que sou sujeito ou *objecto*, assistente da obra ou obra, factual ou fictícia.

Uma coisa é ser-se (como também já fui) assistente de exposição, que sobrevive como mediador/vigilante, sem ter pretensões artísticas de ser *objecto* de discussão. Outra coisa é "saltar da condição quotidiana", como diz Heidegger, "para atingir o verdadeiro *eu*". Seja por outras legítimas vias, vejo também no fazer artístico possibilidades que proporcionam esse salto. Mesmo que ainda se tenha que ser, embora com outra consciência e *objectivo*, o tal sobrevivente/mediador/vigilante.

Interessa-me a nudez desmascarada de certezas, que contempla contradições, e que age no instante da vida humana. Interessam-me os primeiros trabalhos de

Cindy Sherman, *Play of Selves* (1975). Seduzo-me pelas empregadas de limpeza de uma Gulbenkian, não do que cuidam mas como o cuidam. Seduzo-me pela possibilidade de criar vida (*Quarto de Hóspedes* (2009)) dentro de um Centro Cultural. Seduzo-me pelos *runners* do Martin Creed (*Work No. 850* (2008)) e pela rapidez com que vêm, e se dão a ver, num Museu. Seduzo-me pela forma com que Andrea Fraser vende, e não o que vende (*Untitled* (2003)). Seduzo-me pelas sucessivas filas de Roman Ondák, pela espera e não pelo que esperam. Seduz-me a visibilidade da ausência de Robert Barry. Seduzo-me pela discursividade do artista Ian Wilson, dado como mais interessante do que a obra a que se refere... Seduzo-me pelos assistentes de exposição e não pelas obras em exposição.

**Falas de sedução, de como as empregadas de limpeza da Fundação Calouste Gulbenkian e, neste caso concreto, os assistentes de exposição te seduzem; mas falas também de como te deixas seduzir pelo trabalho de certos artistas... ser uma *Ask me* é uma estratégia de sedução da tua parte? E em caso afirmativo, sendo o acto de seduzir um jogo dialéctico, quem é o objecto de tal estratégia?**

Existem ligações. Embora representações sejam sempre representações, a obra artística contempla seduções. Manobras de atrair (o outro) para comunicar. A estratégia consiste mais em encontrar formulas que reflectam sobre a vida do agora, mais precisamente, relacionadas com a crise e formas de sobrevivência.

**No teu site informas os visitantes que te encontras actualmente à procura de emprego. Ainda é essa a situação? Que tipo de emprego procuras?**

Continuo à procura de emprego, embora com a condicionante deste "part time" – naturalmente não remunerado – na Kunsthalle Lissabon (um projecto independente, auto-sustentado, sem fins lucrativos), e outras condicionantes já programadas.

A transacção comercial da performance também é complexa, e, nas artes plásticas, relativamente recente. A acção performativa – principalmente se é realizada pelo próprio artista, não é custo de produção; um *fee* só é pago quando existe tanto orçamento como respeito (é necessário que haja os dois), ou quando tal é imposto pelo artista. Quanto à última hipótese, sem percurso artístico não é algo que se possa impor; e o futuro desta condição é o mercado a funcionar.

Mas não há vitimizações... todos nós fazemos esforços, de uma maneira ou outra vamos realizando-nos, trabalhar é bom, saber de onde vem o dinheiro também e desmistificar o artista como génio, ainda melhor.

*Next Money Income?* (2007), *Business card* (2007), ou agora no meu website *Currently looking for a Job* (2009), chegam a ser tentativas de promoção profissional. Quando a necessidade aperta, aperta o desespero. Se o desespero for bem conduzido, chega a ser interessante e até divertido.

Procuro um emprego o mais distante possível da arte (embora a minha formação profissional seja essa), mas acabo por escolher sobretudo empregos que mais rapidamente respondem à urgência da minha situação (ou, embora minoritariamente, à representação de uma urgência).

***words don't come easy*** é uma série de conversas com artistas, desenvolvida pela Kunsthalle Lissabon paralelamente ao seu programa expositivo, mas não se esgotando neste.